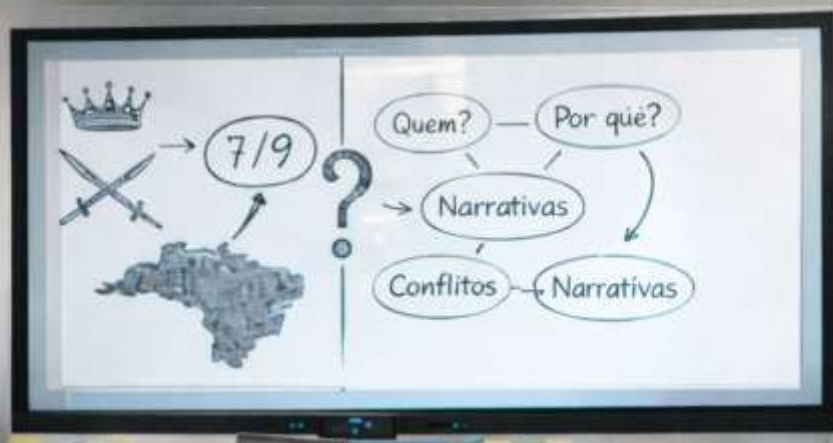


Da narrativa pronta à **leitura crítica**

Repensando a aula de História



A Independência do Brasil: evento ou processo?

Olá, professor(a)!

A Independência do Brasil: evento ou processo?

Em muitos livros didáticos, a Independência do Brasil aparece como um acontecimento pontual, marcado pelo 7 de setembro de 1822 e pela figura de D. Pedro I. No entanto, as pesquisas historiográficas mais recentes têm mostrado que esse processo foi muito mais longo, conflituoso e marcado por disputas.

Esta proposta de aula é destinada a professores e professoras de História, especialmente do Ensino Médio, que desejam trabalhar a Independência do Brasil para além de uma narrativa pronta, valorizando a investigação, a leitura crítica e o diálogo com diferentes interpretações históricas.

O material pode ser utilizado de forma flexível: como uma aula completa, como ponto de partida para discussões em sala ou ainda adaptado conforme o tempo, a turma e os objetivos do professor. Não se trata de um roteiro fechado, mas de uma possibilidade pedagógica, pensada para apoiar a prática docente sem engessá-la.

Esta sugestão dialoga diretamente com o texto *“Da narrativa pronta à leitura crítica: repensando a aula de História - Por que entender como a História é escrita transforma a aula?”*, ao traduzir, em prática pedagógica, a reflexão sobre revisão historiográfica, múltiplos sujeitos e construção do conhecimento histórico. A aula nasce da mesma convicção apresentada no texto: ensinar História é ensinar a pensar historicamente.

Se quiser compartilhar suas experiências, sugestões ou adaptações, ficaremos muito felizes em ouvir você! Envie seu feedback para: cogitocriativo@gmail.com

Com carinho,

Equipe Cogito Criativo

A Independência do Brasil: evento ou processo?

Componente curricular: História

Ensino Médio

Tempo: 2 aulas ou 4 aulas

Eixo: Revisão historiográfica e leitura crítica da memória histórica



Objetivos:

- Compreender a Independência do Brasil como um processo histórico marcado por disputas, continuidades e múltiplos sujeitos.
- Analisar diferentes interpretações historiográficas sobre a Independência, problematizando narrativas oficiais e memórias consolidadas.
- Identificar a participação de grupos historicamente silenciados no processo de independência.
- Desenvolver a leitura crítica de fontes históricas, incluindo textos e representações visuais.
- Estimular o pensamento histórico e a argumentação a partir de perguntas e investigações sobre o passado.



Habilidades da BNCC

- **EM13CHS101** – Analisar fontes e narrativas históricas, identificando disputas de interpretação, interesses e silenciamentos.
- **EM13CHS102** – Compreender processos históricos como construções sociais, marcadas por permanências, rupturas e conflitos.
- **EM13CHS401** – Utilizar procedimentos de investigação histórica para formular problemas, analisar informações e argumentar de forma crítica.
- **EM13CHS403** – Avaliar o papel da memória, das representações e das narrativas históricas na construção de identidades e discursos.



Desenvolvimento da aula ou das aulas

1. PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL

Quem decide o que vira História?

(Escreva no quadro e deixe alguns segundos de silêncio antes de começar.)

Apresente aos alunos a imagem clássica da Independência, como a pintura “O Grito do Ipiranga”, de Pedro Américo.

Pergunte, oralmente:

- Quem aparece nessa cena?
- Onde está o povo?
- Onde estão as mulheres?
- Onde estão os negros escravizados?
- Essa imagem representa a experiência de todos?

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Explique, de forma sintética:

- A Independência não foi apenas o 7 de setembro
- Ela foi um processo longo, com conflitos, tensões regionais e interesses distintos
- A escravidão permaneceu
- As elites mantiveram o poder
- Nem todos viveram a Independência da mesma forma

Pergunta-chave:

Independência para quem?

3. LEITURA CRÍTICA: NOVAS PERSPECTIVAS

Divida a turma em grupos e entregue (ou projete) pequenos trechos ou sínteses inspiradas nas novas leituras historiográficas:

Grupo A — A Independência como processo

Durante muito tempo, a Independência do Brasil foi ensinada como um evento pontual, ocorrido em 7 de setembro de 1822. No entanto, pesquisas recentes mostram que esse processo começou antes e continuou depois dessa data. A vinda da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, transformou profundamente a colônia, fortalecendo elites locais e criando tensões políticas. Movimentos como a Revolução Pernambucana de 1817 revelam que havia projetos de autonomia e ruptura sendo disputados em diferentes regiões.

Além disso, após 1822, o Brasil ainda enfrentou conflitos armados em várias províncias, mostrando que a independência não foi aceita de forma imediata e pacífica. A construção do Estado nacional foi lenta, marcada por disputas regionais, interesses econômicos distintos e negociações políticas. Pensar a Independência como processo ajuda a compreender que ela foi resultado de conflitos, continuidades e negociações, e não apenas de um gesto simbólico.

Pergunta: Por que pensar a Independência como processo muda nossa compreensão?

Tópicos de investigação:

- Vinda da Corte (1808)
- Revolução Pernambucana (1817)

- Conflitos regionais
- Construção lenta do Estado

Sugestões de fontes:

Fonte primária (panfleto político do período):

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-das-penas-os-panfletos-politicos-da-independencia-1820-1823/o-triunfo-do-imperio-brasilico/independencia-independencias/>

Fonte institucional (exposição histórica):

<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/ pernambuco-1817-a-revolucao/>

Fonte institucional / pesquisa histórica:

<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca/editoramassangana/livros-pdf/o-primeiro-grito-de-independencia.pdf>

Fonte comparativa:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Independ%C3%Aancia_do_Brasil

Acervo bibliográfico institucional (historiografia):

<https://www.ihgb.org.br/fortuna-bibliografica-a-independencia-do-brasil-na-biblioteca-do-ihgb/>

Divulgação científica com base acadêmica:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/en/the-foundations-of-a-nation/>

Síntese acadêmica institucional:

<https://atlas.fgv.br/capitulos/transicao-para-independencia-1808-1822>

Grupo B — Múltiplos sujeitos

A narrativa tradicional da Independência costuma destacar figuras masculinas, brancas e pertencentes às elites, como D. Pedro I. No entanto, estudos recentes mostram que diversos grupos sociais participaram das lutas e dos conflitos desse período. Mulheres como Maria Quitéria e Joana Angélica tiveram atuação direta, seja nos combates armados, seja na resistência simbólica. Negros, escravizados, indígenas e setores populares também estiveram envolvidos, muitas vezes buscando liberdade, melhores condições de vida ou autonomia local.

Esses sujeitos, porém, foram frequentemente silenciados pela historiografia oficial, que privilegiou uma narrativa centrada nos grandes heróis e nos acordos políticos das elites. A exclusão dessas vozes não foi casual, mas resultado de escolhas feitas ao longo do tempo sobre quem merecia ser lembrado. Revisar essas narrativas permite ampliar o olhar sobre a Independência e reconhecer a diversidade de experiências históricas.

Pergunta: Por que esses sujeitos ficaram fora da narrativa tradicional?

Tópicos de investigação:

- Mulheres (Maria Quitéria, Joana Angélica)
- Negros e escravizados
- Povos indígenas

- Participação popular

Sugestões de fontes:

Divulgação científica:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/en/brazils-independence-from-a-to-z/>

Repositório de fontes primárias (universitário):

https://libguides.tulane.edu/brazil/primary_sources

Fonte institucional (evento/curadoria):

<https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/eventos/200-da-independencia2502-as-mulheres-e-a-independencia-do-brasil>

Ensaio interpretativo:

<https://diplomatie.org.br/a-independencia-e-as-classes-populares/>

Jornalismo histórico:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0j3ppkk054o>

Divulgação educacional:

<https://ensinarhistoria.com.br/as-heroínas-baianas-da-independencia-do-brasil/>

Divulgação historiográfica:

<https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-vania-moreira-os-povos-indigenas-e-a-independencia/>

Grupo C — Continuidade colonial

Apesar da Independência política, muitas estruturas do período colonial permaneceram intactas após 1822. A escravidão foi mantida, garantindo a continuidade dos interesses econômicos das elites agrárias. O poder político continuou concentrado em poucos grupos, e grande parte da população permaneceu excluída das decisões sobre o novo Estado brasileiro.

Por isso, muitos historiadores questionam se a Independência pode ser considerada uma revolução social. Embora tenha ocorrido uma separação formal de Portugal, não houve uma ruptura profunda nas relações sociais e econômicas. Pensar a Independência como um processo de transformação limitada ajuda a compreender por que tantas desigualdades persistiram ao longo do século XIX.

Pergunta: É possível chamar esse processo de “revolução”?

Tópicos de investigação:

- Manutenção da escravidão
- Preservação dos interesses das elites
- Pouca ruptura social

Sugestões de fontes:

Material didático de apoio:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/independencia-brasil.htm>

Fonte primária / acervo documental:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-das-penas-os-panfletos-politicos-da-independencia-1820-1823/novas-praticas-politicas-do-liberalismo/cidadania-e-processo-de-independencia/>

Produção acadêmica universitária:

<https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2022/03/2-Flavio-Mota.pdf>

Ensaio interpretativo:

<https://diplomatie.org.br/independencia-as-margens/>

Fonte institucional:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/09/afinal-a-independencia-do-brasil-foi-revolucionaria-ou-conservadora>

Fonte institucional de pesquisa:

https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2864:catid=28&Itemid=23

Fonte institucional / dossiê histórico:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/escravidao-jose-roberto-pinto-de-goes/>

Grupo D — Memória e representação

A pintura *O Grito do Ipiranga*, de Pedro Américo, tornou-se uma das imagens mais conhecidas da Independência do Brasil. Produzida décadas depois do evento, ela apresenta uma cena heroica, organizada e grandiosa, com D. Pedro I no centro da ação. No entanto, essa imagem não busca retratar fielmente o ocorrido, mas construir uma memória oficial, que valoriza o heroísmo individual e o papel das elites.

Ao observar a pintura de forma crítica, percebemos ausências importantes: o povo, os escravizados, as mulheres e os conflitos não aparecem. A obra reforça uma narrativa masculina, eurocêntrica e pacífica, que esconde tensões e disputas. Analisar essa representação ajuda a entender como a História também é construída por imagens e escolhas simbólicas.

Pergunta: O que essa imagem escolhe mostrar? E o que escolhe esconder?

Tópicos de investigação:

- A pintura “O Grito do Ipiranga”
- Construção da imagem heroica
- Narrativa masculina e eurocêntrica

Sugestões de fontes:

Fonte institucional museológica:

https://museudoipiranga.org.br/wp-content/uploads/2024/09/uma_historia_do_brasil.pdf

Divulgação educacional:

<https://ensinarhistoria.com.br/o-grito-do-ipiranga-uma-fraude/>

Fonte comparativa:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Independ%C3%Aancia_ou_Morte_%28Pedro_Am%C3%A9rico%29

Jornalismo histórico:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/07/independencia-ou-morte-quadro-mais-famoso-do-museu-do-ipuranga-idealiza-fato-historico-saiba-o-que-e-real-ou-nao.ghtml>

Divulgação histórica:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/09/nos-200-anos-da-independencia-do-brasil-conheca-mitos-e-verdades-sobre-o-7-de-setembro>

4. SOCIALIZAÇÃO E SÍNTESE

Cada grupo compartilha sua ideia principal.

No quadro, construa coletivamente três colunas:

- O que a História tradicional destacou
- O que a historiografia recente revela
- O que muda quando revisamos essa narrativa

5. ATIVIDADE FINAL

- Produção escrita

“A Independência do Brasil foi um evento ou um processo? Justifique.”

- Debate orientado

6. AVALIAÇÃO (rubrica resumida)

Critério	Excelente	Bom	Em desenvolvimento
Uso das fontes			
Argumentação histórica			
Compreensão do processo			
Trabalho em grupo			

NOTA AO PROFESSOR

Sobre o uso da Wikipedia em atividades de História

A Wikipedia é frequentemente vista com desconfiança no ambiente escolar por ser uma plataforma colaborativa e editável. Essa preocupação é compreensível, especialmente quando buscamos rigor histórico e fontes confiáveis.

No entanto, o problema não está apenas na Wikipedia em si, mas no modo como ela é utilizada. Quando tomada como fonte final e acrítica, ela pode reforçar visões simplificadas ou pouco problematizadas. Por outro lado, quando utilizada como ponto de partida, e não como chegada, ela pode se tornar uma ferramenta pedagógica interessante para discutir autoria, disputa de narrativas e construção do conhecimento histórico.

Neste material, priorizamos fontes institucionais, acervos públicos, museus e produções acadêmicas divulgadas em linguagem acessível, justamente para garantir maior confiabilidade e aprofundamento. Esses espaços oferecem documentos, análises e interpretações fundamentadas, além de permitir o contato direto com fontes históricas.

Caso o professor opte por trabalhar com a Wikipedia em algum momento, ela pode ser usada de forma crítica, comparando seus verbetes com outras fontes e questionando: *quem escreve? com base em quais referências? o que aparece e o que fica de fora?*

Mais do que evitar uma plataforma específica, o objetivo é desenvolver nos alunos a capacidade de avaliar fontes, compreender diferentes narrativas e construir uma leitura crítica do passado.



© Cogito Criativo – Uso educacional autorizado.

Este material pode ser utilizado e adaptado para fins pedagógicos, desde que citada a fonte.

As imagens que acompanham este material foram produzidas com apoio de ferramentas de inteligência artificial, para fins educativos e ilustrativos.